

# Desafios de “ser mulher”: relato de experiência extensionista

## *Challenges of “being a woman”: an extension experience report*

**Ludmila do Amaral Araújo**

Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil  
[ludmilaaraujo1501@gmail.com](mailto:ludmilaaraujo1501@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-5201-6958>

**Ana Luíza Soares Cordeiro**

Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil  
[analuiza.cordeiro@uol.com.br](mailto:analuiza.cordeiro@uol.com.br)  
<https://orcid.org/009-0007-1791-8482>

**Artur de Tassis Cabral Fernandes**

Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil  
[artur.tassis@icloud.com](mailto:artur.tassis@icloud.com)  
<https://orcid.org/0000-0001-8982-6818>

**Fernanda Kato Dilascio**

Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil  
[nandadilascio@gmail.com](mailto:nandadilascio@gmail.com)  
<https://orcid.org/0009-0000-9855-2564>

**Isabela Mie Takeshita**

Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil  
[isabelamie@gmail.com](mailto:isabelamie@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-1710-7555>

**Rafaela Siqueira Costa Schreck**

Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil  
[rafaelaschreck@gmail.com](mailto:rafaelaschreck@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0001-5251-3973>

**Mônica das Graças de Azevedo**

Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil  
[monica.azevedo@cienciasmedicasmg.edu.br](mailto:monica.azevedo@cienciasmedicasmg.edu.br)  
<https://orcid.org/0000-0001-6717-007x>

**RESUMO:** *Introdução:* Violência contra mulher envolve qualquer ato, motivado pelo gênero, que resulte em sofrimento ou morte. Tal forma de abuso constitui importante problema de saúde pública e apresentou aumento nos últimos anos. Nota-se escassez de informações e ações comunitárias visando à identificação e à prevenção desse assunto. Portanto, torna-se necessária a execução de ações de educação em saúde para instruir a população. *Metodologia:* Trata-se de um relato de experiência acerca de um projeto de extensão Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais, em Belo Horizonte, o qual atuou em uma casa de apoio a mulheres em situação de vulnerabilidade. Foram realizados encontros entre os extensionistas e as moradoras da casa. Foram abordados temas escolhidos pelas mulheres. As pesquisas foram feitas em português nas bases de dados Google Scholar e Scielo. *Resultado e Discussão:* Para as mulheres, ser mulher apresenta desafios em torno da autenticidade feminina. Percebe-se uma falta de conhecimento sobre assuntos ligados à sexualidade feminina. Foram desenvolvidas habilidades de

comunicação e empatia junto ao público-alvo. *Conclusão:* Projetos de educação em saúde apresentam fundamental importância para conscientização das mulheres, provendo capacidade na identificação e formas de prevenção da violência contra a mulher.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação em saúde, Violência contra a mulher, Vulnerabilidade social.

**ABSTRACT:** *Introduction:* Violence against women involves any act, motivated by gender, that results in suffering or death. This form of abuse constitutes an important public health problem and has increased in recent years. There is a lack of information and community actions aimed at identifying and preventing this issue. Therefore, it is necessary to carry out health education actions to educate the population. *Methodology:* This is an experience report about an extension project at a private college in Belo Horizonte, which worked in a support house for women in vulnerable situations. Meetings were held between the extension agents and the residents of the house. Topics chosen by the women were covered. The searches were carried out in Portuguese in the Google Scholar and Scielo databases. *Results and Discussion:* For women, being a woman presents challenges around feminine authenticity. There is a perceived lack of knowledge about issues related to female sexuality. Communication and empathy skills were developed with the target audience. *Conclusion:* Health education projects are of fundamental importance in raising awareness among women, providing capacity to identify and prevent forms of violence against women.

**KEYWORDS:** Health education, Violence against women, Social vulnerability.

## Introdução

A violência contra a mulher envolve qualquer tipo de ato, motivado pelo gênero, que resulte em morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico a mulher, tanto no âmbito público como no privado. Tal abuso constitui problema de saúde pública, tendo em vista que a saúde humana depende da integridade física, mental e social. Desta forma, a saúde de mulheres vítimas de violência está comprometida, especialmente frente às diversas formas de violência, cada qual demandando maior necessidade de atendimento em saúde (Cruz & Irffi, 2019).

A Constituição Federal, no capítulo VII, artigo 226, parágrafo 8º, atesta “a assistência à família, na pessoa de cada um dos que a integram, criando mecanismos para coibir a violência, no âmbito de suas relações”, de forma que o Estado assume para si um papel importante no enfrentamento da violência seja ela de qualquer tipo, contra mulheres, homens, crianças ou adultos (Barros et al., 2021; CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1994).

Com isso, em 8 de agosto de 2006, foi promulgada a Lei nº 11.340, conhecida como “Lei Maria da Penha”, responsável por garantir a todas as mulheres vítimas de violência o direito fundamental de viver em todos os ambientes sendo preservado seu direito à vida, saúde, segurança, dignidade, entre outros, e de modo a permitir que ela exerça plenamente sua cidadania. Sendo assim, a mulher vítima de violência tem proteção do Estado (Barros et al., 2021).

Ocorrem inúmeros casos de violência contra a mulher de diversas naturezas, podendo ser sexual, patrimonial, psicológica, moral e física, essa última podendo ser desde agressão até homicídio. No ano de 2020, o isolamento social devido à pandemia da COVID-19 foi imposto ao mundo. Com isso, observou-se um aumento exponencial nos casos de agressão contra a mulher e feminicídio no Brasil (Cerqueira & Bueno, 2023; CRUZ et al., 2023; OKABAYASHI et al., 2020).

Entretanto, é notável a falta de informações e ações por parte da comunidade para identificação e prevenção de situações de violência contra a mulher. Dessa forma, torna-se de suma importância a execução de ações no âmbito da saúde da mulher para identificação de fatores de risco e formas de prevenção contra situações de violência (Bispo et al., 2022). Com isso, uma ação em saúde, visando informar essa parcela da população, tem impacto positivo direto nesse público-alvo.

## Metodologia

Trata-se de um trabalho descritivo, do tipo relato de experiência acadêmica, oportunizado pelo projeto de extensão docente “Ser Mulher” desenvolvido na Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais, em Belo Horizonte. Houve um processo seletivo, onde dez alunos foram aprovados, os quais foram apresentados às professoras responsáveis pela coordenação do projeto e orientados sobre como este seria desenvolvido.

A divisão das atividades foi feita da seguinte forma: reuniões semanais entre coordenadoras e alunos, nas quais eram trazidos pelas orientadoras temas específicos sobre a saúde, segurança e bem-estar das mulheres, e encontros dos acadêmicos com as moradoras da casa de apoio às mulheres vítimas de violência.

A casa de apoio é de uma entidade religiosa cujo objetivo é o acolhimento de mulheres em situação vulnerável. Desde a última década, essa instituição realiza ações humanitárias, em parceria com a prefeitura de Belo Horizonte, voltadas para essa população, e, em 2018, foi inaugurada a casa em que a extensão acadêmica é desenvolvida. Já no ano de 2022, houve a inauguração de uma casa específica

para gestantes e puérperas que, oportunamente, tornou-se cenário para o projeto de extensão em questão.

Ao longo do segundo semestre do ano de 2023, foram realizadas quatro reuniões, com duração de uma hora, para discussões entre os acadêmicos e as orientadoras acerca de temas essenciais a serem abordados com mulheres em situação de vulnerabilidade. Além disso, foram feitos pequenos workshops para que os alunos pudessem aprender algumas técnicas sobre melhor desenvoltura para os encontros dos alunos com a população-alvo da atividade. Das didáticas apresentadas pelas orientadoras, o grupo deste relato optou pelo método de roda de conversa para a abordagem com as moradoras da casa.

A roda de conversa promove um ambiente seguro e uma conversa horizontal entre todos. Ao ser portador da voz, os alunos podiam destrinchar temas amplos (como saúde sexual e saúde da mulher, por exemplo) para orientações e conscientização das participantes. Ao fornecer a voz para as mulheres, estas, além de se sentirem acolhidas, contribuíam para o diálogo com relato de experiências pessoais prévias e com formulação de perguntas que desenvolvem e estruturam os temas.

A intenção do projeto é realizar cinco encontros dos acadêmicos com as mulheres, com duração de duas horas, onde são abordados temas específicos (como violência contra a mulher, disforia de gênero - tendo em vista a presença de mulheres transexuais, saúde da mulher, entre outros), previamente trazidos pelos palestrantes.

A escolha dos temas a serem levados surgiu a partir da congruência entre os palestrantes após os encontros realizados entre acadêmicos e orientadoras, onde foram expostos pelas professoras a situação atual da saúde e segurança da mulher brasileira. Ademais, conforme os encontros aconteciam, a escolha dos temas também surgiu conforme a demanda trazida pelas senhoras. Para isso, ao final do primeiro encontro, foram distribuídos papéis e canetas para que o público-alvo pudesse, em garantia de sigilo, escolher temas para serem discutidos nos encontros subsequentes.

O agendamento dos encontros era realizado entre os alunos e as gestoras das casas por contato prévio. Estes ficaram em contato direto com os organizadores das casas e acordaram sobre o melhor dia e horário para a realização dos encontros.

Ao final dos encontros, foram realizados, pelos acadêmicos, relatórios descrevendo cada encontro para que estes possam ser estudados pelas orientadoras, a fim de se obter a compreensão dos encontros, das trocas e dos aprendizados.

Ao final do projeto, foram realizados quatro encontros na casa de apoio para mulheres, sendo estes realizados na Casa de Mulheres. O público foi bastante variado em quantidade, com uma média de sete mulheres por encontro.

## Resultados e discussão

Dentro do local do projeto, o grupo procurou discutir sobre temas considerados importantes para a construção de pertencimento dentro do gênero feminino, assim como procurou atender as demandas trazidas pelas participantes das rodas de conversa. Sendo assim, abaixo estão descritos os quatro encontros realizados pelos acadêmicos nas casas de apoio:

### **“SER MULHER”:**

O primeiro encontro foi iniciado com apresentação dos acadêmicos para as sete mulheres e, em seguida, foi solicitado às mulheres que estivessem à vontade para compartilhar suas experiências na casa. A maioria das mulheres era procedente de Belo Horizonte, com o maior tempo de permanência na casa entre seis meses e um ano. Após esse momento inicial, as mulheres presentes foram convidadas a refletir sobre “o que é ser mulher para você?”. As respostas foram diversas. A maioria gira em torno da autenticidade feminina e da força que a mulher tem, referindo que ser mulher é “ser guerreira”, “superar muito na vida”. Além disso, também foram abordados aspectos religiosos ao afirmarem que ser mulher seria uma “dádiva divina”.

O conceito de feminilidade e a complexidade da existência feminina ganha foco por completo, pelos olhos de uma mulher, quando Simone de Beauvoir publica o livro *O Segundo Sexo*, em 1949. Uma das grandes contribuições desta obra está na definição do que não é feminino, entendendo-se o oposto: aquilo que é masculino (Beauvoir, 2008).

Em obras como *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, vemos um conceito de mulher que foge da noção doméstica construída pelo cristianismo europeu e que entra no campo jurídico e produtivo, ao afirmar que a sociedade muito foca na defesa dos direitos do embrião, esquecendo da criança após o nascimento. A autora é pioneira em responsabilizar o sexo feminino como agente de mudança e construção (Beauvoir, 2008).

O século XX é marcante no movimento de conceituar a mulher como ser humano, mas afastou o pensamento crítico da mulher como sexo e como experiente do feminino. Autoras como Judith Butler, já muito à frente das limitações de seu tempo, começaram a dissociação do corpo biológico feminino e dos signos femininos.

Foucault, em *Microfísica do Poder* (1979), descreveu os comportamentos isolados que projetaram o poder e as personalidades que moldaram a civilização global, mas apresentou como a manipulação desses comportamentos isolados tidos como femininos influenciaram a forma como pensamos as relações – seja para as civilizações mais antigas ou para as contemporâneas.

É interessante abordar a discussão que Byung-Chul Han apresenta em *Agonia do Eros* (2012) para completar o conceito de mulher como objeto de desejos. O autor propõe o pensamento crítico referente a como a mulher moderna tem se desenvolvido tendo a mulher do passado como um exemplo do não ser.

Para pensar no que é ser mulher, é preciso ver a multiplicidade de facetas que o ser humano pode assumir (Foucault, 1979). A mulher empoderada pelo sexo e pelo desejo de outros corpos, como descrita por Han ou a mulher produtiva e cristã, descrita por Beauvoir, são a mesma mulher. Elas são a mesma identidade que é única e individual (Butler, 2003).

Ao perguntar ao público “o que é ser mulher?”, entramos num campo da antropologia que nunca terá fim, pois como Butler defende, ser mulher sempre será o conjunto do que a civilização daquele recorte histórico entende como oposto ao masculino em união com a função fisiológica da mulher na reprodução.

Talvez, no contexto deste projeto, possamos entender a experiência feminina como Byung-Chul Han apresenta em *Agonia do Eros* e em muitas outras de suas obras: ser mulher será sempre uma noção ampla de quem se identifica como mulher, mantendo seus lugares na sociedade passada e conquistando seus lugares futuros, limitados apenas pela criatividade individual.

Durante as rodas de conversa, enquanto eram debatidos diversos temas, uma das mulheres, que era uma mulher trans, questionou sobre procedimentos para pessoas trans no SUS, informando que ela gostaria de fazer a terapia hormonal, cirurgia de redesignação e a mamoplastia. A princípio, houve certa dificuldade em informar onde esses procedimentos são realizados, sendo possível afirmar apenas que eram realizados pelo SUS. Apesar disso, foi combinado de levar essas informações no próximo encontro.

No fim da visita, foram distribuídos papéis e canetas para que as mulheres presentes pudessem sugerir temas para as visitas subsequentes. Dentre as sugestões, foi escolhido o tema da “Saúde da Mulher e Disforia de Gênero”. Os demais temas foram: saúde da mulher, direitos da mulher, mamoplastia pelo SUS, mudança de sexo e saúde feminina.

### **A Mulher Trans:**

Na preparação para o segundo encontro, para abordar o tema escolhido, foi feita uma extensa pesquisa sobre o acesso gratuito a diferentes equipes de atendimento para o público trans, além do desenvolvimento de apresentação sobre o tópico e a saúde global da mulher para dar início à roda de discussão.

No dia, os acadêmicos chegaram à casa às 14:30, assim como combinado previamente com a coordenadora do local. Já na chegada, foi avisado que as moradoras estavam indispostas devido às temperaturas mais altas na cidade, e que algumas estavam com alterações gastrointestinais desde a manhã daquele dia. Prosseguimos chamando as mulheres para participar da roda, porém todas se negaram a comparecer. Dessa maneira, optou-se por conhecer melhor o ambiente e a história da casa.

As atividades da casa haviam começado há quatro anos em Belo Horizonte. A casa comporta até 50 mulheres, contando com 32 moradoras no momento, e conta com 21 colaboradores que trabalham com coordenação, psicologia, assistência social, pedagogia, administração e serviços gerais. As residentes chegam através de encaminhamento pela Secretaria de Assistência que possui uma central de vagas. A equipe da casa se reúne com a equipe de encaminhamento para ver se há o encaixe da mulher à casa. Posteriormente, há a marcação de uma data para que a possível moradora conheça a habitação e suas regras. Caso haja o desejo de permanecer ali, é marcada uma segunda data para inserção.

Inicialmente, o objetivo era que as moradoras permanecessem por até um ano e meio, porém essa regra deixou de existir e, com isso, não há mais limite de tempo de estadia. A casa conta com parcerias para cursos de diferentes temáticas como, por exemplo, culinária e montagem de currículo. Ademais, recebem vagas de emprego pelo SINE-PBH, que são encaminhadas pela equipe técnica, ou através de empresas parceiras.

Para mais, as mulheres têm acesso a três computadores e a um carro duas vezes na semana, para levar ao banco (recebimento de benefícios), ao centro de saúde ou a outros locais de importância. Quando a ida de carro não é possível, geralmente são fornecidos “vales sociais” para transporte público, direito garantido

pelo decreto municipal nº 18.412, de 11 de agosto de 2023. Esse decreto regula-  
menta a concessão do auxílio transporte para mulheres em situação de violência  
doméstica e familiar, de acordo com a Lei Maria da Penha, que estejam em situ-  
ação de vulnerabilidade social ou econômica e residam em Belo Horizonte (Belo  
Horizonte, 2023).

Em um terceiro e quarto encontros, os acadêmicos retornaram à Casa de  
Mulheres ADRA. O objetivo era responder aos questionamentos trazidos no primei-  
ro encontro e realizar a apresentação previamente elaborada (“Transexualidade  
e o acesso à Saúde Pública para Mulheres Transexuais”, voltada para as mulheres  
transexuais da casa, que haviam apresentado uma série de dúvidas). Entretanto,  
ao chegarem ao local, os acadêmicos foram novamente informados de que a reu-  
nião não poderia ser realizada pela falta de adesão das mulheres.

Belo Horizonte enfrentou uma onda de calor importante no mês de novembro  
de 2023, o que causou grande indisposição pelas participantes. Essas ondas de  
calor são responsáveis por diversos impactos na saúde humana, com aumento de  
internações hospitalares por agravamento de comorbidades prévias – diabetes mellitus,  
por exemplo – ou por eventos novos – infarto agudo do miocárdio, acidente vas-  
cular encefálico, diarreias e gastroenterites, entre outros (Sarra & Mülthart, 2021).  
Dessa forma, algumas das reuniões, especialmente por serem na parte da tarde,  
não foram bem recebidas pela indisposição corporal causadas pela exaustão do  
calor.

### **Desafios de “Ser Mulher”:**

No quinto e último encontro, os extensionistas chegaram no local, como previa-  
mente combinado, e foram direcionados à área de convivência para preparação  
do material de apresentação. Inicialmente, apenas uma mulher estava presente  
e, conforme foi iniciada a conversa, ela logo se interessou pelo tema e resolveu  
chamar outras mulheres para participarem. Logo, o espaço estava cheio (por volta  
de 20 participantes), e a roda de conversa foi iniciada.

A princípio, foi perguntado às mulheres o que elas sabiam sobre os temas:  
Consulta com ginecologista; Métodos anticoncepcionais; Infecções Sexualmente  
Transmissíveis e disforia de gênero. De início as mulheres demonstraram entu-  
siasmo com os temas e mostraram muita dúvida em relação a disforia de gênero,  
tema que foi abordado mais ao final da roda de conversa.

Ao longo da apresentação, foram surgindo dúvidas pelas mulheres, o que con-  
tribuiu para uma melhor didática e desenvolvimento da roda. Dentre as dúvidas,



havia perguntas sobre o que é o exame Papanicolau, se mulheres trans podem ir ao ginecologista, se sífilis tem cura, qual a forma de transmissão da herpes, entre outras perguntas.

Com a realização desses encontros, foi possível perceber uma escassez de conhecimento acerca da saúde da mulher por parte desse grupo. Dessa forma, permitir um momento de conversa e tirar as dúvidas dessas mulheres sobre esse tema foi de extrema importância para o entendimento não somente de sua saúde, mas também de como a violência pode interferir nela.

Não obstante, a realização das ações extensionistas permitiu que os acadêmicos desenvolvessem habilidades de comunicação, empatia e aprendessem a lidar com a frustração de não conseguir realizar os encontros previamente planejados. Além disso, também foi desenvolvida a habilidade de enfrentamento de problemas, tais como a não adesão por parte das mulheres e, com isso, encontrar soluções para as dificuldades que surgiam.

Com relação ao que foi realizado na casa de gestantes, segue breve relato: as outras quatro alunas extensionistas do projeto realizaram encontros na casa de gestantes, com o primeiro encontro sendo marcado para apresentação das moradoras às alunas. O segundo encontro foi realizado na forma de roda de conversa, abordando os temas de infecções sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos. O terceiro encontro trouxe temas com base nos cuidados associados à maternidade – amamentação, vacinação, introdução alimentar e cuidados em geral. No quarto encontro, foi possível observar um maior vínculo das acadêmicas com as mulheres moradoras da casa, com uma delas passando um tempo com as extensionistas contando detalhes de sua trajetória. Ainda no quarto dia, as discussões foram marcadas pela abordagem do uso de álcool e drogas na vida das moradoras. Devido ao vínculo construído, algumas mulheres se sentiram confortáveis para relatar experiências extremas e delicadas em suas vidas, e foi notado que a escuta as impactou positivamente. O quinto e último encontro consistiu na despedida entre as extensionistas e as moradoras.

## Considerações finais

No âmbito educacional, os efeitos transformadores positivos da formação acadêmica dependem de sua capacidade de ação institucionalizada sobre os contextos sociais mais amplos. Combater as violências decorrentes de vulnerabilidades sociais depende de objetivos políticos mais amplos e capazes de distinguir as formas

dessa violência, bem como de articular as instâncias e as estratégias adequadas para lidar com cada uma delas.

Dessa maneira, o desenvolvimento de projetos na comunidade, que levam em conta o contexto de vida, social, econômico, racial e reprodutivo dos indivíduos, assim como realizado pelo projeto “Ser Mulher”, se mostra essencial. As rodas de conversas demonstram um efetivo método de assistência e promoção à saúde para as mulheres da casa, por ser um momento de tirar suas dúvidas sem julgamento, com a compreensão do seu cenário social.

Com isso, se faz necessário que os profissionais de saúde pensem em estratégias para melhor acolhimento e aconselhamento de mulheres em situações de violência, com esse tipo de abordagem sendo iniciado ainda dentro das universidades.

Além disso, foi percebida uma falta de adesão por parte das mulheres moradoras do local, fato este que se deveu principalmente à onda de calor que assolou a cidade. Porém, a perseverança em abordar a temática, mesmo que com baixa adesão, iniciando com apenas uma mulher, fez com que as demais aderissem ao encontro de forma positiva, levando ao aprendizado dos temas levantados. Os temas tratados devem ser abordados de forma assertiva e respeitosa, principalmente quando apontados pelas próprias mulheres em situação de vulnerabilidade, as quais são muitas vezes invisibilizadas pela sociedade.

## REFERÊNCIAS

Barros, H. M. O., et al. (2021, 16 de fevereiro). Educação em saúde acerca da violência contra a mulher: um relato de experiência. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 13(2), 1-6. Disponível em <https://acervo-mais.com.br/index.php/saude/article/view/5439/4071>. Acesso em: 15 fev. 2024.

Bispo, J. F., et al. (2022, 27 de janeiro). Violência contra a mulher: educação em saúde em uma unidade básica de saúde em Maceió. *Extensão em Foco*, 1(26), 249-258.

Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Carqueira, D., & Bueno, S. (Coords.). (2023). *Atlas da violência 2023*. Brasília: IPEA; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

<https://doi.org/10.38116/riatlasdaviolencia2023>

Cruz, M. S., & Irffi, G. (2019, julho). Qual o efeito da violência contra a mulher brasileira na autopercepção da saúde? *Ciência & Saúde Coletiva*, 24(7), 2531-2542. Disponível em <https://www.scielo.org/article/csc/2019.v24n7/2531-2542/>. Acesso em: 14 jan. 2024.

Cruz, Bruna Pereira da et al. (2023). Violência doméstica e os feminicídios: uma análise no estado de Minas Gerais em época de pandemia. *Revista Jurídica do Nordeste Mineiro*, Teófilo Otoni, v. 2, n. 1, p. 1-21.

<https://revista.unipacto.com.br/index.php/juridica/article/view/346>. Acesso em: 14 jan. 2024.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL. Constituição (1988). Lei nº 8.842, de 04 de janeiro de 1994. Da Ordem Social: DA FAMÍLIA, DA CRIANÇA, DO ADOLESCENTE, DO JOVEM E DO IDOSO. Brasília, DF, Disponível em: <https://normas.leg.br/?urn=urn:lex:br:federal:constituicao:1988-10-05;1988!art226>. Acesso em: 15 fev. 2024.

Decreto nº 18.412, de 11 de agosto de 2023. Belo Horizonte, MG, 12 ago. 2023. Disponível em <https://dom-web.pbh.gov.br/visualizacao/ato/423470>. Acesso em: 15 fev. 2024.

Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Han, B. (2017). *Agonia do Eros*. Editora Vozes.

Okabayashi, Nathalia Yuri Tanaka et al. (2020). Violência contra a mulher e feminicídio no Brasil: impacto do isolamento social pela covid-19. *Brazilian Journal Of Health Review*, [S.L.], v. 3, n. 3, p. 4511-4531. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJ%20HR/article/view/9998>. Acesso: 14 jan. 2024.

Sarra, S. R., & Mulfarth, R. C. K. (2021, 28 de junho). Os impactos da onda de calor de 2019 sobre a saúde da população na cidade de Bauru (Estado de São Paulo - Brasil) / The impacts of the 2019 heatwave on population health in the city of Bauru (State of Sao Paulo - Brazil). *Brazilian Journal Of Development*, 7(6), 63941-63960.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

♦ VOL. 13, 2025, ISSN:2318-2326. PUBLICAÇÃO CONTÍNUA.

Todos os textos publicados na Interfaces – Revista de Extensão da UFMG são regidos por licença Creative Commons CC By.

A Interfaces convida pesquisadoras e pesquisadores envolvidos em pesquisas, projetos e ações extensionistas a submeterem artigos e relatos de experiência para os próximos números.

Os textos deverão ser enviados através do nosso endereço na web. No site estão disponíveis as normas para publicação e outras informações sobre o projeto. Vale ressaltar que os autores poderão acompanhar todo o processo de submissão do material enviado através desse site e que o recebimento de submissões possui fluxo contínuo.

[www.ufmg.br/revistainterfaces](http://www.ufmg.br/revistainterfaces)

Contato: [revistainterfaces@proex.ufmg.br](mailto:revistainterfaces@proex.ufmg.br)

